



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

GIOVANI DO NASCIMENTO GONÇALVES

**“FACA NA CAVEIRA”:** A BRUTALIDADE ESTÉTICA DE *TROPA DE ELITE*  
(2007), DE JOSÉ PADILHA

JARDIM – MS  
2021

GIOVANI DO NASCIMENTO GONÇALVES

**“FACA NA CAVEIRA”: A BRUTALIDADE ESTÉTICA DE *TROPA DE ELITE*  
(2007), DE JOSÉ PADILHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Português/Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Vedoin.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GIOVANI DO NASCIMENTO GONÇALVES

**“FACA NA CAVEIRA”: A BRUTALIDADE ESTÉTICA DE *TROPA DE ELITE*  
(2007), DE JOSÉ PADILHA**

APROVADO EM:

---

Prof. Dr. Gilson Vedoin (UEMS/Jardim)  
Orientador/Presidente

---

Prof. Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes (UNIR)  
1º Arguidor

---

Prof. Dr. Norival Bottos Júnior (UEMS/Jardim)  
2º Arguidor

GONÇALVES, Giovani do Nascimento.  
“Faca na caveira”: A brutalidade estética de *Tropa de Elite*  
(2007), de José Padilha. / Giovani do Nascimento Gonçalves,  
Jardim: UEMS, 2021

**Bibliografia**

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação  
Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do  
Sul.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim, 29 de janeiro de 2021.



---

Giovani do Nascimento  
Gonçalves

Este trabalho é dedicado à minha família, que compreendeu minha ausência, e me auxiliou em todos os momentos, os merecedores de toda honraria.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, que em todos os momentos esteve ao meu lado. Minha esposa Daniele, meus filhos Vinícius e Vitor Theo. Agradeço aos meus amigos, aqueles que estiveram presentes nas etapas deste trabalho. Ao meu orientador professor Dr. Gilson Vedoin que prontamente atendeu minhas dúvidas. Agradeço a UEMS de Jardim, em especial a figura do Diretor Dr Anailton Gama por sua paciência e cuidado com os acadêmicos e a unidade. Agradeço a todos os professores que, cada um a seu modo, contribuíram para minha formação nesses quatro anos de curso. Nada seria possível sem ter ajuda de tantas pessoas especiais.

“Chegou a tropa de elite, osso duro de roer  
Pega um pega geral, e também vai pegar  
você.”

Trecho da música *Tropa de Elite*, da banda  
Tihuana

## RESUMO

A narrativa fílmica *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha, que tem como base o livro *Elite da Tropa*, no qual Rodrigo Pimentel expõe sua experiência como integrante do Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro é recheada de elementos que extrapolam os limites da narrativa literária e expõem para a sociedade as facetas outrora escondidas por trás da aura de beleza criada pelas mídias de que o Rio de Janeiro é composto por lindas praias, um elegante Cristo Redentor, belas mulheres, lindas mansões e ali, discreta, uma favela toda colorida e habitada por uma gente feliz e sorridente que sobe e desce o morro diariamente para conquistar seu ganha pão. *Tropa de Elite* levou ao mundo uma realidade brutal e devastadora na qual universitários e moradores da favela convivem com um objetivo comum, o consumo de drogas, no qual Policiais corruptos matam e morrem na eterna guerra do tráfico, enquanto Policiais honestos também perdem suas vidas buscando fazer justiça. O que este trabalho analisa é como a questão da violência transpõe a temática do enredo do filme e se associa aos recursos expressivos utilizados na composição da trama da obra – a estética do brutalismo e a linguagem cinematográfica – narração em off, enquadramentos e fotografia. Para tanto, a pesquisa buscou suporte teórico em autores como Alfredo Bosi (1976), Flávio Aguiar (1997), Eva Heller (2013), Tatiana Monassa (2020), dentre outros que se ocupam das discussões acerca da literatura, cinema e sociedade.

**Palavras-chave:** *Tropa de Elite*. Violência. Brutalismo.

## ABSTRACT

The story of the film *Tropa de Elite* (2007), by José Padilha, based on the book *Elite da Tropa*, in which Rodrigo Pimentel exposes his experience as a member of the special operations police battalion, BOPE, of the military police of the state of Rio de Janeiro is full of elements that go beyond the limits of literary narrative and expose to society the facets once hidden behind the aura of beauty created by the media that Rio de Janeiro is made up of beautiful beaches, a elegant Christ the Redeemer, beautiful women, beautiful homes and there, discreet, a colorful favela inhabited by happy and smiling people who go up and down the hill daily to earn their bread. Elite Squad has brought to the world a brutal and devastating reality in which university students and favela residents live with a common goal, drug use, in which corrupt police officers kill and die in the eternal war on drugs, while that honest police officers also lose their lives in seeking justice. This work analyzes how the issue of violence transposes the theme of the film's plot and is associated with the expressive resources used in the composition of the work's plot - the aesthetics of brutalism and cinematic language - the narrative in off, framing and photography. To this end, the research sought the theoretical support of authors such as Alfredo Bosi (1976), Flávio Aguiar (1997), Eva Heller (2013), Tatiana Monassa (2020) among others engaged in discussions on literature, cinema and society.

**Keywords:** Elite team. Violence. Brutalism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – ANÁLISE FÍLMICA: ENQUADRAMENTOS, ILUMINAÇÃO E EFEITOS SONOROS.....	14
CAPÍTULO II – CAPITÃO NASCIMENTO: O NARRADOR MANIQUEÍSTA.....	23
CAPÍTULO III – <i>TROPA DE ELITE</i> : BRUTALISMO E VIOLÊNCIA.....	29
CAPÍTULO IV – A <i>ELITE DA TROPA</i> : A SOCIEDADE PAUTADA NO CAOS MANIQUEÍSTA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	39

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Cena em que o BOPE invade o morro. Filme <i>Tropa de Elite</i> (2007) .....	14
Imagem 2	Plano médio para compor o perfil de Nascimento. (Wagner Moura).....	16
Imagem 3	<i>Close</i> em Mathias (André Ramiro): A impossibilidade de sintetização do debate acerca da criminalidade.....	16
Imagem 4	Neto e a operacionalização das milícias.....	18
Imagem 5	<i>Close</i> em Neto e sua impulsividade realçada pela iluminação.....	19
Imagem 6	Iluminação em tons negros e azulados.....	20
Imagem 7	Iluminação em tons negros e azulados .....	20
Imagem 8	Tom azulado para contrapor o afeto.....	21
Imagem 9	Montagem vertical/Polifônica.....	22
Imagem10	<i>Contra plongée</i> em Mathias: O tiro é na face da sociedade.....	35

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a estética brutalista/neobrutalista – conforme designações de Alfredo Bosi (1976) e Flávio Aguiar (1997) que pontua a narrativa fílmica *Tropa de Elite*, (2007) de José Padilha, que tem como base o livro *Elite da Tropa* (2006), em que Rodrigo Pimentel expõe sua experiência de integrante do Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

É possível evidenciar na narrativa fílmica *Tropa de Elite* (2007) que a temática da brutalidade e da violência não se restringe somente à fabulação do filme, mas se instituem a partir dos recursos expressivos da trama: do discurso do capitão Nascimento às estratégias da linguagem cinematográfica – montagem, fotografia e enquadramentos de câmera.

A brutalidade do tema da narrativa de Padilha – que insere no âmbito do Cinema da Retomada<sup>1</sup> nacional - e dos recursos expressivos se alia à exposição nua, crua, portanto “neobrutalista” (AGUIAR, 1997) das ações representadas a partir de um “excesso de realismo”. Conforme Aguiar,

[...] o “neobrutalismo” se instalou como uma praga. Seu tema preferido é a violência de rua: marginais massacrados por populares, crimes de motivos obscuros, mas de extremo barbarismo, esquadrões da morte, gente se engalfinhando na televisão, pessoas torturadas, atropelamentos, catástrofes, esfaqueamentos absurdos. Bom, quem quiser saber os “porquês” desses temas comparecerem à literatura, que sai à rua e se dê ao trabalho de olhar para os lados. (AGUIAR, 1997, p. 45).

Os conceitos brutalista/neobrutalista fundam-se sobre uma noção de objetividade realista, que, diferente do realismo/naturalismo do século XIX, que era marcado por um certo

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos ao chamado cinema da “Retomada”, podemos inseri-lo no período em que o Estado retoma sua relação com a sétima arte, a qual fora interrompida devido à extinção da Embrafilme, nos anos 90, sob a vigência do governo Collor, o que deixou os cineastas desprovidos de um órgão responsável pela indústria cinematográfica e tornou o cinema quase obsoleto no país. Depois de uma reconfiguração na administração estatal, as produções agora possuem o apoio do Estado, e desde 1993, através de incentivo fiscal pela Lei do Audiovisual, ancorada à Lei Rouanet. A partir dessa lei de incentivo que a produção começa a ser reerguida, restabelecida, “Retomada”. O cinema da Retomada priorizou a adaptação de obras de autores contemporâneos da literatura nacional, e que forneceram material para uma série de obras cinematográficas e de viés social, ancoradas na realidade problemática do Brasil. Conforme Ivana Bentes (2007), tais filmes são modelares ao “[...] relacionar com a miséria e violência com orgulho, fascínio e terror, que podemos analisar os filmes brasileiros contemporâneos que se voltam para esses temas. Filmes que quase nunca se pretendem “explicativos” de qualquer contexto, não se arriscam a julgar, narrativas perplexas, e se apresentam como “espelho” e “constatação” de um estado de coisas. Demissão de um discurso político moderno em nome de narrativas brutais, pós-MTV e videoclipe, um “novo-realismo” latino-americano que englobaria [...]” tais obras. Ver mais em BENTES, Ivana. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. In\_ ALCEU - v.8 - n.15 - p. 242 a 255 - jul./dez. 2007.

distanciamento, estabelecendo uma grande distância entre a linguagem e aquilo que ela retratava, tais padrões estéticos, por sua vez, procuram extinguir essa distância, tal como o filme de Padilha, que se estrutura pelo foco da narração em *off* de Nascimento, o que realiza uma simbiose exemplar entre a violência do tema representado e a brutalidade da linguagem que o representa, dada a partir dos recursos expressivos utilizados pelo filme: do discurso de Nascimento às estratégias da linguagem cinematográfica – montagem, fotografia e enquadramentos.

De fato, a estética brutalista/neobrutalista (BOSI; AGUIAR) se insinua na narrativa de Padilha não somente a partir da temática, que discorre sobre a guerra brutal travada entre policiais do BOPE com traficantes e integrantes da polícia militar corrupta do Rio de Janeiro, mas, sobretudo, pelas estratégias discursivas empregadas pelo narrador do filme, capitão Nascimento, interpretado por Wagner Moura, suas estratégias metodológicas no cumprimento do dever e sua relação com seus aspirantes, Neto (impulsivo e truculento) e Matias (racional e normativo). De fato, a narrativa de Padilha

[...] alimenta-se de tipos, trejeitos e falas para desnudar as relações de forças em jogo na cena. O que interessa a Padilha são as ações e os embates delas resultantes. Se a cada ação corresponde uma reação, o tecido social é feito de uma rede sem fim de inter-relações compostas de gestos e posturas, muitas vezes determinados pelo campo do qual partem. Neste sentido, a cartela inicial, que cita a teoria de psicologia social que diz que as ações dos homens são antes determinadas pelo contexto em que estão inseridos do que pelo seu caráter, constitui menos uma justificativa ou um porto seguro e mais uma petição de princípios. (MONASSA, 2016, p.5)

Mas os princípios que contam são os do capitão. Nascimento é um personagem que foi lapidado pelo *modus operandi* do BOPE, e daí seu discurso, seus métodos e suas estratégias tenderem para uma abordagem de urgência brutal, abdicando da contextualização e dos questionamentos sócio históricos culturais. Cria do BOPE, Nascimento jamais é acometido por questionamentos sociais, éticos e morais. O que importa é agir. Como bem notam Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel no prefácio de *Elite da Tropa*:

O embrião do BOPE — o Núcleo da Companhia de Operações Especiais da PMRJ — foi criado em 19 de janeiro de 1978, sob inspiração do então capitão PM Paulo César Amêndola de Souza, mas apenas em 1991 foi batizado com o nome atual. O BOPE não foi preparado para enfrentar os desafios da segurança pública. Foi concebido e adestrado para ser máquina de guerra. Não foi treinado para lidar com cidadãos e controlar infratores, mas para invadir territórios inimigos. Tropas similares servem-se de profissionais maduros. O BOPE acelerava meninos de 20 e poucos anos até a velocidade de cruzeiro do combate bélico. Vamos cobrar a loucura da guerra a quem foi treinado para matar? (PIMENTEL, SOARES, 2006, p.4)

Como cobrar entendimento de uma guerra de alguém que se encontra inserido no interior desse redemoinho atroz? A estratégia de Padilha entende essa premissa. Daí colocar o foco da narração da voz em *off* de Nascimento. É o capitão do BOPE que arbitrariamente comanda a narração e que, ao fim e ao cabo, violenta qualquer questionamento por parte do espectador a partir da imposição do seu ponto de vista: do policial incorruptível e que não medirá esforços para exterminar o “inimigo”. Aliado às estratégias discursivas de Nascimento, o diretor usa outros recursos para mostrar que a brutalidade da narrativa transcende o tema (fábula) e se entranha na forma (trama) da narrativa. E isso pode ser comprovado a partir do uso de recursos expressivos presentes na *mise-en-scene*, tais como a fotografia, os enquadramentos e a montagem. Tais recursos violentos acabam por confrontar também, e de maneira brutal, o comodismo do espectador, e obrigando-o a tomar partido: ou aceita as ponderações impostas pelo capitão Nascimento como verdade inabalável, ou questiona tudo aquilo que lhe foi arbitrariamente imposto pelo comandante do BOPE. Como bem diz Monassa:

*Tropa de Elite* é capaz de fazer tudo aquilo que seus antecessores não lograram (incluindo *Ônibus 174*): colocar a sociedade diante de si mesma e obriga-la a se confrontar com suas morais ocultas, ou com sua ausência de parâmetros morais definidos para a situação que atravessa. Se até agora compactuamos secretamente com a intervenção “cirúrgica” de uma milícia treinada para operações de guerra em área urbana, para garantir nossa tranquilidade, uma vez escancaradas todas as regras do jogo, seremos nós capazes de prosseguir da mesma forma? Toda a força política do filme reside em colocar esta pergunta. E sua radicalidade original está na forma como a apresenta. Espécie de entrecruzamento entre cinema narrativo e “proposição” interativa, *Tropa de Elite* propõe uma nova forma de engajamento: não mais um cinema *engajado*, que encerre nele mesmo os discursos, mas um cinema *que engaje*, e que espelhe as próprias escolhas do espectador. (MONASSA, 2016, p.4)

E desse modo, a estética violenta e brutal de *Tropa de Elite* não deixa nada e ninguém impune ao seu estilo: tema, forma e espectador são envolvidos pelos seus recursos expressivos, e como bem diz a letra da banda Tihuana, usada como epígrafe dessa pesquisa, tal estética é “osso duro de roer/pega um pega geral, e também vai pegar você”.

## 1 ANÁLISE FÍLMICA: ENQUADRAMENTOS, ILUMINAÇÃO E EFEITOS SONOROS

Na contemporaneidade a literatura se debruça sob os acontecimentos presentes na sociedade buscando mostrar ao leitor, por meio de uma estética brutalista (BOSI, 1976) de feição pornográfica, as diversas manifestações humanas originárias de uma constante aglomeração nas metrópoles. Em *Elite da tropa* (2006) não foi diferente, a obra de Rodrigo Pimentel que foi adaptada para o cinema como *Tropa de Elite* (2007) pelo diretor José Padilha, expõe de forma rude, nua e crua na face da sociedade as mazelas decorrentes de um sistema falido e fadado ao colapso eminente. E a violência decorrente do embate entre margem e centro/policiais e bandidos em suas variadas faces se faz presente em cada linha da narrativa de Pimentel, e em cada cena do filme de Padilha.

No comando da narração de *Tropa de Elite*, o Capitão Nascimento refere-se ao combate entre policiais e traficantes cariocas como uma “guerra”. A noção, longe de ser novidade, é corroborada pelo filme com veemência. Preciso na montagem do seu “ringue”, José Padilha prefere uma abordagem de urgência a uma eventual historização comedida, que tomasse as devidas distâncias do contexto social imediato à produção. As origens ou possíveis explicações do confronto não interessam, portanto, a este filme, que dedica-se a fixar o conflito e chamar à responsabilidade seus principais agentes. (MONASSA, 2016, p.1)



**Imagem 1:** Cena em que o BOPE invade o morro. Filme *Tropa de Elite* (2007)

É possível observar pela junção da imagem, cena na qual o Capitão Nascimento sobe o morro em missão para descobrir um movimento de repasse de drogas para estudantes universitários, com o texto citado de Monassa, no qual deixa claro que a intenção do filme

não é meramente mostrar a violência, mas também, mostrar os verdadeiros agentes causadores dessa violência, que, são os que mantêm financeiramente o tráfico de drogas vigente nas favelas do Rio de Janeiro, local em questão para essa abordagem, a elite, a polícia corrupta e os políticos corruptos.

Para uma grande parcela da sociedade conservadora, cujo olhar é parcial e distorcido, o tráfico é mantido pelas classes mais baixas, os menos favorecidos, os moradores das favelas, ou dos bairros periféricos. *Tropa de Elite* (2007) vem escancarar um lado talvez nunca antes observado, o de que quem realmente mantém financeiramente o movimento do tráfico em grande escala, são as classes mais favorecidas; no filme, enquanto estudantes universitários sobem o morro para comprar drogas em grande quantidade para revender, o BOPE (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar) invade o local atirando nos traficantes. Ao perguntar com quem estava a carga, Nascimento interroga brutalmente à tapas no rosto um dos estudantes. Toda violência exacerbada é explícita no momento em que Nascimento pergunta ao estudante quem matou um dos traficantes que ali estava, esfregando o rosto do estudante no sangue do morto. O estudante responde: “Foi um de vocês” e então Nascimento afirma: “Um de vocês é o caralho! Um de vocês é o caralho! Quem matou esse cara aqui foi você seu viado! É você que financia essa merda aqui! Seu maconheiro! Seu merda! A gente vem aqui pra desfazer a merda que você faz! É você que financia essa merda! Seu viado! (*Tropa de Elite*, 2007, min 29)

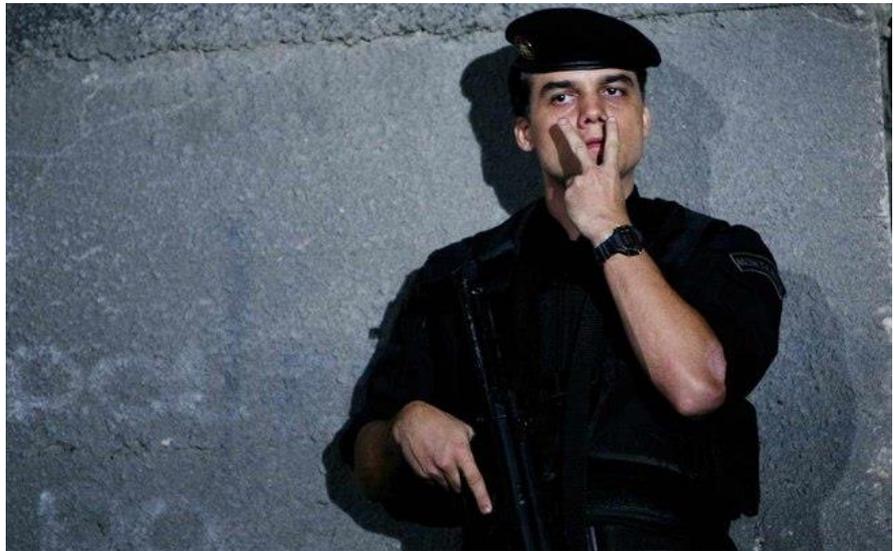
Toda essa violência no comportamento e fala de Nascimento, se contrasta com a doçura de minutos antes ao, por telefone, já no morro, ouvir o coração de seu filho bater ainda no ventre da mãe. Na ocasião da cena acima narrada, Nascimento libera um “fogueteiro” adolescente que havia, sob pressão, denunciado com quem estava a carga, porém na justiça do tráfico o menor é assassinado. Existe uma triste relação entre o amor pela vida de seu filho que está pra nascer no mesmo momento em que entrega para a morte o filho de alguém, mais tarde no filme, Nascimento sente remorso, mas vê tal sentimento como sinal de fraqueza.

Os efeitos sonoros das cenas acima descritas são parte do movimento intencional dos produtores de ampliar a sensação de violência. O estalo ardido dos tapas, dos tiros, dos gritos de desespero, junto ao fundo musical de tensão, e o enquadramento da câmera em plano médio, variando de *Plongée*<sup>2</sup> para *Contra Plongée*, muitas vezes fechando o plano nos rostos desesperados, e no olhar vazio de sentimento do Capitão Nascimento. Esse jogo imagético junto às cores quentes para os momentos mais tensos e as cores frias nos momentos mais

---

<sup>2</sup> *Plongée*: Termo Francês que significa Mergulho, na linguagem filmica o *Plongée* é a filmagem que vem de cima para baixo, já o *Contra Plongée*, vem de baixo para cima.

tranquilos, ajudam o telespectador a trazer à tona sentimentos, como angústia, medo, pânico, ou tristeza, alegria, etc.



**Imagem 2:** Plano Médio para compor o perfil de Nascimento (Wagner Moura)

Um outro personagem marcante no filme é o Policial Militar Mathias (André Ramiro), que faz parte também da Universidade, a mesma na qual os alunos foram abordados pelo BOPE, na operação descrita acima. Monassa afirma que:

E tudo em *Tropa de Elite* diz respeito a posicionamentos e a efeitos de choque. Das atitudes e tomadas de posição dos personagens à interpelação do espectador, cuja adesão ‘automática’ à instância narradora é problematizada e colocada em xeque. Uma vez reconhecido o estado de perigo permanente, marcado pela presença da violência, latente e manifesta, que nossa sociedade enfrenta, o filme reconhece como impossível a delineação de um retrato-síntese, ou mesmo de qualquer visão de todo apaziguadora. Interessa a ele desenvolver uma estética do choque: montagem acelerada, que condensa espaços, estabelece relações, atira um extrato social contra o outro e um personagem contra o outro; câmera em permanente tensão com os corpos e com o vir-a-ser do que filma (sempre na iminência de desequilíbrio); narrador que contempla o combate como essência de tudo o que apresenta. (MONASSA, 2016, p.2)



**Imagem 3:** Close em Mathias (André Ramiro): a impossibilidade de sintetização do debate acerca da criminalidade.

Na imagem acima, também em concordância com a citação de Monassa, podemos observar Mathias durante uma aula na qual os colegas de sala, muitos ali, usuários de drogas, criticam a PM do Rio de Janeiro e a violência com a qual ela age, então Mathias, que ainda é tido apenas como um aluno qualquer pois esconde dos demais colegas de sala que é um Policial Militar, decide se manifestar e afirma:

Não é bem assim não, eu tenho um grande amigo que é Policial Militar e o amigo desse amigo também é um Policial e os dois são honestíssimos e com relação ao lance de Búzios eu acho que tem que reprimir mesmo... (burburinhos de protesto entre os demais) tem que reprimir mesmo, lógico, vocês não tem a menor noção (vira para o colega ao lado e diz) Você estava com o backzinho não tava? (sic) Vocês não tem a menor noção de quanta criança entra pro tráfico e morre por causa de maconha e de pó tá (sic) do apartamentinho de vocês daqui da zona sul não dá pra ver esse tipo de coisa não tá. (Tropa de Elite, 2007, 34 min.)

Na cena a seguir a câmera foca cada rosto na sala, depois faz uma panorâmica geral e enquadra em Mathias que mostra nitidamente sua revolta e insatisfação com a opinião dos colegas, é possível perceber que Mathias tem uma visão diferente justamente porque vem de origem humilde e está entre a classe média e a elite, além de na panorâmica feita pela câmera nota-se que é o único negro na sua turma de Direito, e sendo um policial tem também a visão do ponto de vista da PM, porém, Mathias vê as situações pelo seu ponto de vista como PM, neste momento do filme ele ainda não conhecia o lado corrupto da corporação. Nessa cena Mathias, de certa forma, ao narrar enfática e emocionantemente sua experiência apresenta um ponto de vista pessoal e muda o foco narrativo, de acordo com Aguiar e Silva:

[...] vêm a ser um recurso utilizado pelo narrador para enquadrar a história de um determinado ângulo ou ponto de vista, sendo que o foco narrativo evidencia o propósito do narrador de mobilizar intelectualmente e emocionalmente o leitor, manipulando o leitor a aceitar as idéias ao contar a história (1988, *apud* FRANCO JUNIOR, 2003, p. 41).

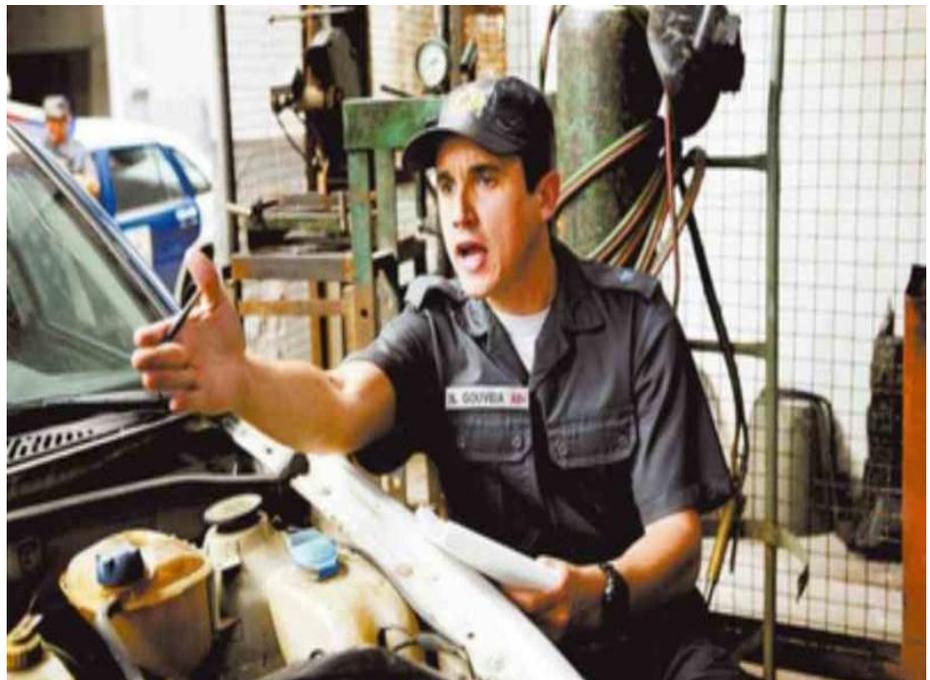
No caso quem é impulsionado na narrativa fílmica é o telespectador, haja vista a quantidade de memes<sup>3</sup> que surgiram na internet com a famosa fala de Mathias durante a aula (anexo1). Se o objetivo era trazer comoção ao telespectador, este, foi cumprido, Mathias se tornou um personagem ícone, respeitado e admirado, inclusive pelo Capitão Nascimento quanto a sua inteligência.

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma adição recente ao nosso léxico: “**meme**” é um trocadilho entre as palavras mimesis – que **significa** “imitação”, em grego – e “gene”, cunhada pelo biólogo britânico Richard Dawkins, no livro *O Gene Egoísta*, publicado em 1976. (Priberam, 2020)

No caso do personagem Tenente Neto (Caio Junqueira), as características descritas por Nascimento são as de quem ele era o mais semelhante a ele, um bom nome para substituí-lo já que, com a chegada do seu filho, o capitão decidira se afastar do BOPE. Neto, tal qual Nascimento tinha a polícia no coração, e ao ser colocado para trabalhar na oficina da PM, conheceu a corrupção de perto, e numa tentativa infeliz de se livrar daquele posto, já que era um apaixonado pelo trabalho no campo, nas ruas, e não ali, fechado em uma oficina, decide usar o sistema contra o sistema. Pagando a corrupção com mais corrupção. Neto fica sabendo de um esquema no qual os policiais fazem “segurança” para comerciantes em troca de dinheiro e favores, e também pegam dinheiro de traficantes com a condição de fazer “vista grossa” para o tráfico, ou seja, Neto descobriu como funcionavam o esquema das milícias e resolve inverter o sistema contra si próprio. Segundo Cano (2008)

[...] as milícias parecem mais estruturadas em geral do que outros grupos, com uma vocação mais empresarial. O uso de cadastros, recibos, reuniões formais, etc. mostra um grau de organização bastante superior à improvisação do tráfico, por exemplo. O estereótipo do menino do tráfico, excessivamente jovem e com frequência sob o efeito de entorpecentes, é substituído pelo de uma pessoa de mais idade e responsabilidade, um ‘profissional’ da segurança. (CANO, 2008, p.82)



**Imagem 4:** Neto e a operacionalização das milícias.

Acreditando que era por motivos nobres Neto decide pegar o dinheiro do tráfico que seria destinado ao comandante, com o pensamento de que, “ já que estão roubando vou roubar para comprar as peças das viaturas, se o sistema não compra porque é corrupto, vou roubar do

sistema e comprar” porém, as consequências desse pensamento culminaram com a tentativa de homicídio do personagem Tenente Fábio, as cenas a seguir culminam com Neto e Mathias subindo o morro sozinhos, sem a experiência e o treinamento do BOPE, para tentarem reverter a situação e salvarem a vida de Fábio, o que acontece é que acabam em meio a um tiroteio do qual não teriam sobrevivido sem a ajuda do BOPE. Nessa cena, o jogo de câmeras aceleradas e a correira, juntamente ao som do funk, os tiros, gritos das pessoas que estavam no baile no momento do tiroteio, culmina com o jogo de luzes, que ora vem do Paredão do Funk, ora dos tiros, ora dos fogos. A cena seria completamente escura se não fosse esse jogo de luzes. Sobre o recurso expressivo da iluminação, diz Fellini:

No cinema, a luz é ideologia, sentimento, cor, tom, profundidade, atmosfera, história. Ela faz milagres, acrescenta, apaga, reduz, enriquece, anuvia, sublinha, alude, torna acreditável e aceitável o fantástico, o sonho, e ao contrário, pode sugerir transparências, vibrações, provocar uma miragem na realidade mais cinzenta, cotidiana. Com um refletor e dois celofanes, um rosto opaco, inexpressivo, torna-se inteligente, misterioso, fascinante. A cenografia mais elementar e grosseira pode, com a luz, revelar perspectivas inesperadas e fazer viver a história num clima hesitante, inquietante; ou então, deslocando-se um refletor de cinco mil e acendendo outro em contraluz, toda a sensação de angústia desaparece e tudo se torna sereno e aconchegante. Com a luz se escreve o filme, se exprime o estilo. (FELLINI, 2000, p.182)



**Imagem 5:** *Close em Neto e na sua impulsividade realçada pela iluminação.*

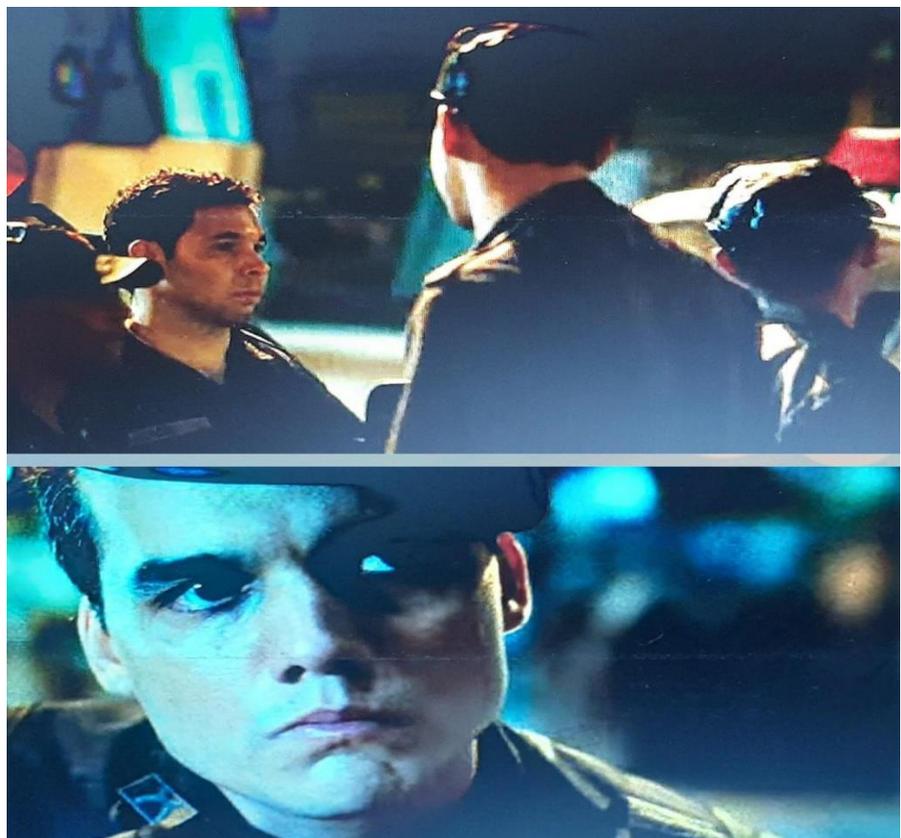
É possível notar na imagem acima que o jogo de iluminação amarelada, com foco de brilho em pontos estratégicos, representando a paixão de Neto pelo que faz, e ao mesmo tempo sua impulsividade, que não é uma característica boa para um Policial Militar, o

raciocínio é sempre necessário no trabalho em campo, e nesta cena, a impulsividade e afobação de Neto o faz pensar que o traficante iria sacar uma arma para matar Fábio e ele acaba atirando causando todo o tiroteio e a morte, inclusive, de outros Policiais, fazendo com que fosse necessária a intervenção do BOPE. De acordo com Eva Heller (2013)

No simbolismo das cores, a todo pecado, a toda característica negativa corresponde o preto. O amarelo puro, cor da iluminação, quando combinado com o preto, torna-se a cor simbólica do impuro. O amarelo da inteligência se turva, transformando-se na cor da falta de discernimento. (HELLER, 2013, p. 17)

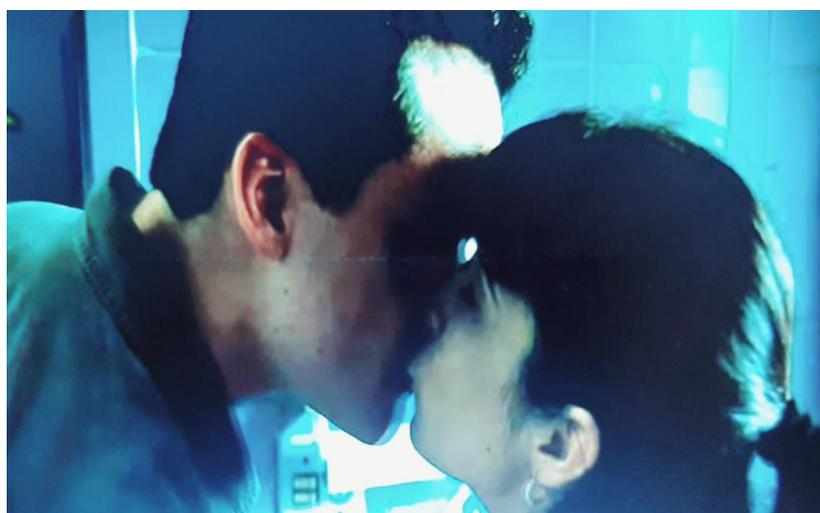
E foi essa falta de discernimento muito bem representada na cena, que inicia todo o caos na favela, e termina com a chegada do BOPE. A imprensa, por sua vez, também se vale de estratégias violentas (o sensacionalista voltado ao lucro) demonstrado toda sua frieza em busca da melhor imagem e do melhor enquadramento dos corpos destroçados por essa guerra.

Na cena do momento em que o BOPE chega para intervir e resgatar Neto, Mathias e Fábio, outro ponto de iluminação é interessante que seja destacado. A imagem de Nascimento chegando e mandando a PM comum não subir demonstrando sua autoridade, e a fala de um dos Policiais que afirma: “Faca na caveira e nada na carteira”.



**Imagem 6 e 7:** iluminação em tons negros e azulados.

Segundo Eva Heller “Vermelho é a cor de todas as paixões do amor ao ódio” (HELLER, 2013, p.119). E na imagem da Policia convencional, a iluminação avermelhada surge em destaque junto à cirene da viatura, na sequência o corte de perfil que a câmera faz no policial que zomba do BOPE, faz com que o telespectador sinta a ira junto a ironia da frase. Eva Heller (2013) ainda afirma que o “[...] vermelho é a cor da guerra”( HELLER, 2013, p.119). Já no momento em que a câmera foca em Nascimento os tons esfriam, é possível notar o preto e o azul em destaque. O azul simboliza a frieza. Já o preto, de acordo com Eva Heller, é a “[...] cor do poder, da violência e da morte. [...] Cor da negação e da elegância” [...] Fim e luto, assim como branco é composto por luz, o preto é a falta dela. Tudo termina em preto” (HELLER, 2013, p.230). Nada mais coerente deixar as cenas nas quais o enquadramento foca em Nascimento mais escuras e sombrias, tal qual a alma do personagem, todas as características que a cor preta agrega, Nascimento possui ainda o tom azulado, que, Heller afirma ser “[...] gélido/frio, a mais fria entre todas as cores, dá esse significado a partir da sensação humana. Nossa pele fica azul no frio - até nossos lábios ficam azuis.” (HELLER, 2013, p.54). E isso faz com que se sinta a atmosfera que envolve o sentimento frio do Capitão, que, sobe o morro, mata, manda carregar os corpos, bate na cara de quem precisa, e em seu Maniqueísmo puramente demonstrado desde o início da narrativa gélida e autoritária, ponto que será melhor tratado no capítulo pertinente, manda e faz-se obedecer. As cores preta e azul estão presentes em quase todos os momentos nos quais Nascimento surge, inclusive em momentos nas quais deveriam surgir tons avermelhados que demonstram amor e paixão como quando está com a esposa, inclusive, em um dos poucos beijos que aparecem nas cenas entre os dois, nota-se novamente os tons frios do azul como é possível ver na imagem a seguir:



**Imagem 8:** Tom azulado para contrapor o afeto.

Um outro fator interessante a destacar na adaptação de José Padilha do livro de Pimentel é que a transição entre uma cena e outra no filme se dá sobrepondo as imagens, assim como no livro, que é escrito no formato de diário, sobrepondo histórias sobre histórias e personagens sobre personagens. Ao primeiro olhar é difícil notar o jogo de sobreposição. Transições de câmera de *Plongée* para Frontal, constituem essa montagem vertical/polifônica formada por múltiplos enquadramentos. Sem corte de imagem, sobrepondo os personagens, algo quase imperceptível ao olhar comum, mas se pausar a imagem no momento certo, é possível notar como mostra a imagem a seguir:



**Imagem 9:** Montagem vertical/polifônica.

Enfim, tanto o enquadramento, quanto os efeitos sonoros e a iluminação do filme são minimamente pensados para trazer ao leitor/telespectador o máximo de sensações significativamente importantes para a compreensão da narrativa de *Tropa de Elite* (2007) realçando e potencializando ainda mais a questão da violência, que transcende o âmbito da fábula e se entranha na trama da obra.

## 2 CAPITÃO NASCIMENTO: O NARRADOR MANIQUEÍSTA

O personagem narrador e protagonista de *Tropa de Elite* (2007) é o Capitão Nascimento, sujeito maniqueísta ao extremo, cuja narração em *off* demonstra que seu discurso deve ser visto como único e inquestionável, desde o trabalho até o lar, suas relações são friamente pautadas na ideologia no BOPE. Além disso, as frases curtas e a dicção brutalista<sup>4</sup> direta, sem rodeios, fortalecem em Nascimento a violência na narrativa e demonstram seu desapego pelo outro: “Senta o dedo”; “Põe na conta do Papa”.

Segundo Arnaldo Franco, “[...] os níveis da narrativa não são relativos apenas ao narrador, mas à estrutura arquitetônica [...] da narrativa e à posição que todos os personagens, e não apenas o narrador, ocupam em relação ao evento narrado.” (FRANCO, 2003, p. 41). No caso de Nascimento ele é a voz que comanda a narrativa, nenhum personagem tem voz própria, todas as vozes passam pela voz daquele que narra a sua história e a dos demais, o que configura seu ponto de vista como maniqueísta. Por muitas vezes é possível notar, no brutalismo presente em Nascimento, resquícios fragmentados de ideologias que só estão presentes no BOPE por serem presentes na ideologia Político-Partidária que o rege. Tudo, absolutamente tudo na sociedade carioca elitizada e escancarada na sua face mais repugnante em *Tropa de Elite* (2007) advém, como afirma Alfredo Bosi de uma:

[...] sociedade de consumo que é, a um só tempo sofisticada e bárbara. Imagem do caos e da agonia de valores que a tecnocracia produz num país do Terceiro Mundo [...] que arranca a sua fala direta e indiretamente as experiências da burguesia carioca [...]. A dicção que se faz no interior desse mundo é rápida, às vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual; dissonante, quase ruído.” (BOSI, 2015, p.19-20)

Além disso, Nascimento tem sua narrativa baseada no instinto de ser o “alfa”, é possível notar na maneira discursiva do protagonista expressões que relevam sua natureza maniqueísta como no início do filme quando a voz em *off* de Nascimento descreve o Rio de Janeiro da seguinte maneira:

A minha cidade tem mais de setecentas favelas. Quase todas dominadas por traficantes armados até os dentes (cena música alta, mulheres dançando semi nuas entre homens empunhando fuzis). É só nego de AR-15, Pisto Uzi, HK e por aí vai. No resto do mundo esse tipo de armamento é usado na guerra. Aqui, são as armas do crime. (cena de uma viatura de milicianos vagorosamente passando entre as pessoas e cumprimentando os amigavelmente os traficantes) Um tiro de 7,62 atravessa um carro como se fosse papel e é burrice pensar que numa cidade assim policiais vão subir a favela só prá fazer valer a lei. Policial tem família. Policial também tem medo de morrer. O que aconteceu no Rio de Janeiro era inevitável. O tráfico e a polícia desenvolveram formas pacíficas de convivência. Afinal ninguém quer morrer à toa. (*Tropa de Elite*, 2007, 2, 45 min.)

<sup>4</sup> Este termo, denominado por Alfredo Bosi, caracteriza as descrições e recriações da violência social entre classes marginais e excluídas: bandidos, prostitutas, policiais corruptos, mendigos, etc.

Nesse momento uma outra voz fala com quem assiste à narrativa filmica, é a voz da trilha sonora, talvez a única voz narrativa que, juntamente à de Nascimento, tem comando para introduzir no telespectador as sensações que intencionalmente o farão concordar com Nascimento e seu ponto de vista: “A paz nessa cidade depende do equilíbrio delicado entre a munição dos bandidos e a corrupção da polícia (Tropa de Elite, 2007, 4 min)”. A música tocada nesse momento é a “Rap das armas” dos funkeiros Mc Júnior e Mc Leonardo, é possível notar na letra a seguir citada o quanto foi pensado para combinar a trilha com a narrativa de Nascimento:

O meu Brasil é um país tropical  
 A terra do funk, a terra do carnaval  
 o meu Rio de Janeiro é um cartão postal  
 Mas eu vou falar de um problema nacional  
 [...]
 Metralhadora AR-15 e muito oitão  
 A Intratek com disposição  
 Vem a super 12 de repetição  
 45 que um pistolão  
 FMK3, m-16  
 A pisto UZI, eu vou dizer para vocês  
 Que tem 765, 762, e o fuzil da de 2 em 2  
 [...]
 Nesse país todo mundo sabe falar  
 Que favela é perigosa, lugar ruim de se morar  
 é muito criticada por toda a sociedade  
 Mas existe violência em todo canto da cidade  
 Por falta de ensino falta de informação  
 pessoas compram armas cartuchos de munição  
 mas se metendo em qualquer briga ou em qualquer confusão se sentindo protegidas  
 com a arma na mão  
 [...]
 vem pistola glock, a HK  
 vem a intratek Granada pra detonar  
 vem a caça-andróide e a famosa escopeta  
 vem a pistola magnum, a Uru e a Beretta  
 colt 45, um tiro só arrebenta  
 e um fuzil automático com um pente de 90  
 estamos com um problema que é a realidade  
 e é por isso que eu peço paz, justiça e liberdade  
 [...]
 Eu sou o MC Júnior, eu sou MC Leonardo  
 Voltaremos com certeza pra deixar outro recado  
 Para todas as galeras que acabaram de escutar  
 Diga não a violência e deixe a paz reinar.  
 [...]
 (Rap das armas, Mc’s Júnior e Leonardo)

A letra relata justamente o que Nascimento narra, as armas de guerra utilizadas no tráfico, a violência e a fantasia que é achar que o Rio de Janeiro é somente, praia, carnaval e mulheres bonitas. Existe ali um problema social que perdura a anos e enquanto a cidade for

movida pela desigualdade, corrupção e falência das instituições esse problema persistirá. É o que canta o morador da favela, é o que narra o Capitão do Bope que, ao se apresentar na narrativa, afirma:

Eu não sou um policial convencional. Sou do BOPE, da tropa de elite da Polícia Militar. Na teoria a gente faz parte da Polícia Militar. Na prática o BOPE é outra Polícia. O nosso símbolo mostra o que acontece quando a gente entra na favela e a nossa farda não é azul parceiro: é preta. [...] O BOPE foi criado para intervir quando a Polícia convencional não consegue dar jeito. E no Rio de Janeiro isso acontece o tempo todo. (Voz em Off de Nascimento no filme *Tropa de Elite*, 2007, 7 min.)

É possível observar que Nascimento fala em ser do BOPE, com muito orgulho, e enquanto a voz em *off* se auto apresenta, o capitão Nascimento na viatura dá palavras de ordem aos seus subordinados, o reforço em afirmar que a farda não é azul, e sim preta, mostra que Nascimento quer reforçar o quanto o BOPE é mais violentamente mortal que a força policial convencional, nesse momento o Capitão faz com que o telespectador entre em uma expectativa de ver tiro, sangue e morte. E corrobora com a visão de que a voz do capitão é a grande potência da estética brutalista e da violência presente na narrativa fílmica. Flávio Aguiar, acerca do narrador e do brutalismo (termo cunhado por Alfredo Bosi) afirma que esse narrador é:

[...] fragmentado, dividido, contraditório: dá a ideia de uma personalidade que implode. [...] Há nisso, um esforço de dramatização: o romance busca a força de impacto do teatro, de suas múltiplas vozes em presença física. Essa tensão formal aponta para a intensidade da crise ética em que o banho de violência mergulhou a nação como um todo. (AGUIAR, 1997, p. 182)

A narrativa de Nascimento não é linear, é fragmentada no tempo e no espaço, ora está em uma história, ora em outra, ora fala do lugar de Capitão do BOPE, ora do lugar de esposo que será pai e precisa sair dessa rotina de violência, ora quer continuar a combater o crime organizado, ora quer combater a guerra interior que acomete a si próprio. Nascimento, é a representação desse banho de violência ao qual Aguiar menciona. Nascimento é o narrador que traz a questão do brutalismo para dentro da narrativa fílmica. Não é à toa que o capitão do BOPE sofre da Síndrome do Pânico, toda violência da narrativa presente no narrador o sufoca, o implode.

Em um momento da narrativa a trilha sonora é encerrada, ouve-se apenas os ruídos da noite e a voz impositiva de Nascimento que diz: “Vai subir ninguém, vai subir ninguém. Vai ficar todo mundo quietinho aí. Não vai subir ninguém.” (*Tropa de Elite*, 2007, 8 min.) Ao

subir o morro, somente os homens de farda preta, são fisicamente e psicologicamente capacitados para a guerra que os espera. A seguir a voz em *off* de Nascimento afirma “Meu nome é capitão Nascimento. Eu chefiava a equipe alfa do BOPE. Eu já tava naquela guerra faz tempo e já tava começando a ficar cansado dela” (Tropa de Elite, 2007, 9 min.) Nesse momento Nascimento é envolto por uma escuridão que só é quebrada pelo clarão dos tiros enquanto a trilha sonora é ampliada sobre sua voz com a seguinte letra: “Chegou a tropa de elite, osso duro de roer Pega um pega geral, também vai pegar você Tropa de elite, osso duro de roer Pega um pega geral, também vai pegar você.” (TIHUANA) Nesse momento a trilha vem pra reforçar novamente a intenção da narrativa de mostrar quem é a voz que comanda os fatos, a voz de Nascimento, ou a voz do BOPE, representada pela figura de Nascimento. A partir daí ocorre uma analepse e a narrativa se volta para seis meses antes desse momento, para que Nascimento explique como os fatos que ocorreram anteriormente o levaram até o resgate de Neto e Mathias naquela noite.

A narrativa se volta para uma cena na qual Nascimento e um subordinado estão no morro vigiando um grupo de policiais corruptos que estão negociando com traficantes, é interessante que nesse momento o capitão fala docilmente com a esposa ao telefone, inclusive sobre o bebê, seu filho, e ao desligar o telefone dá a ordem para que seu subordinado atire em um dos policiais corruptos, nesse momento a voz se mantém ironicamente no mesmo tom dócil, demonstrando ainda a frieza do narrador. Para Nascimento, os dois momentos, não se separam, sua vida está entrelaçada com o BOPE.

A seguir já mostrando a cena em que Nascimento está chegando em casa, sempre rodeados de luzes com tons escuros e azulados, demonstrando a frieza do Capitão, inclusive nos seus momentos mais tranquilos em casa, e a voz em *off* dialoga diretamente com o telespectador ao dizer “É cara, eu tenho que admitir. Eu tava com pavio curto. E a minha vida estava ficando cada vez mais complicada.” (Tropa de Elite, 2007, 11 min) Ao mesmo tempo existe no narrador um lado paternal que está começando a atrapalhar sua vida como Capitão do BOPE. Isso podemos notar quando, ao ser o responsável pela missão do Papa, a voz em *off* de Nascimento afirma: “Pra mim estratégia só tem lógica quando a missão tem sentido. Operação do papa era uma burrice. Uma situação normal eu só ia ficar puto mas meu filho ia nascer. Eu não podia dar bofeira. Eu não queria morrer à toa.” (Tropa de Elite, 2007, 11 min) Nascimento começa a sentir que não será possível se dedicar ao BOPE e à família ao mesmo tempo. Ele precisa de um substituto e é aí que entram na história Neto e Mathias, os Policiais que desejam entrar para o BOPE. As cenas do treinamento para ser um agente do BOPE são cruéis e brutais, o abjeto surge mostrando toda sujeira humana, a violência é, sem dúvidas,

mais brutal quando se dá entre o mesmo grupo. Quanto a isso é interessante destacar a seguinte fala do narrador:

Eu reconheço que prá quem não é iniciado, o BOPE parece uma seita. Mas é assim mesmo que a gente tem que ser. Nossos homens são formados na base da porrada. Pra entrar aqui o cara tem que provar que aguenta pressão. De cada cem pms que tentam fazer nosso curso, cinco chegam ao fim. E quando eu fiz o curso parceiro, foram só três. Nem o exército de Israel treina soldados como a gente. (Voz em Off de Nascimento no filme Tropa de Elite, 2007, 1:11 h.)

Nascimento reconhece a violência do treinamento, sabe o quanto é difícil encontrar alguém como ele para substituí-lo, e isso é demonstrado em cada fala do narrador que é imponente e autoritário, opressor e inclusive faz com que os integrantes daquele grupo, peçam pra sair, a frase “Pede pra sair 02” ficou famosa e virou um jargão nacional, está presente em letras de músicas, no humor e nos memes da internet. Segue a transcrição da cena:

NASCIMENTO: O senhor está vendo aquele bote ali?

ALUNO ZERO-DOIS: sim, senhor

CAPITÃO NASCIMENTO: Vou aproveitar que o senhor está com o coturno desamarrado, o senhor vai desequipar, o senhor vai trazer aquele bote até a margem.

ALUNO ZERO-DOIS: sim senhor

CAPITÃO Nascimento: O senhor acha que o senhor consegue fazer isso seu zero-dois?

ALUNO ZERO-DOIS: Sim senhor

CAPITÃO NASCIMENTO: seu zero-dois. Sabe porque o senhor não vai conseguir fazer o que eu tô mandando? Não é só porque o senhor é um fraco não. O senhor não vai conseguir porque para ter essa caveira aqui seu zero-dois é preciso ter caráter, coisa que o senhor não tem. Lugar do senhor é com puta. Lugar do senhor é com cafetão. Lugar do senhor é com clínica de aborto, seu zero-dois. Aqui nós não gostamos de policiais corruptos, seu zero-dois. No BOPE não entra polícia corrupta, seu zero dois. (Tropa de Elite, 2007, 1:20 h)

Nesta cena na qual o aluno zero-dois – Fábio, desiste, é possível notar a satisfação de Nascimento, ele já sabia quem sairia desde o momento da convocação da turma de treinamento, ali Nascimento já sabia que os escolhidos estariam entre Neto e Mathias, e, se

não fosse a trágica morte de Neto em uma emboscada, este, seria o mais qualificado para ocupar seu lugar e, já no final da trama, ao capturarem Baiano, traficante responsável pela morte de Neto, Nascimento quer que Mathias entregue seu coração ao BOPE, e a narração em *off* afirma: “Agora só faltava o coração do Mathias, e a minha missão ia tá cumprida (sic) e eu ia voltar pra minha família sabendo que ia deixar alguém digno no meu lugar” (Tropa de Elite, 2007, 1:50 h) A seguir, Nascimento empunhando uma 12, arma de alto calibre, passa para as mãos de Mathias e diz: “André! Passa que é teu”. Essa é a cena mais extremista da narrativa fílmica e também mais representativa, na qual a câmera, no movimento de *Contra plongée* foca o olhar de Mathias e o cano da arma é apontado para a câmera, consequentemente a arma fica apontada para todos os telespectadores. Baiano então pede: “Na cara não pra não estragar o velório” mas contrariando o traficante, Mathias mira “na cara”, mas o tiro acerta outro alvo, a sociedade brasileira de 2007, tema que vamos abordar no capítulo final deste trabalho.

### 3 TROPA DE ELITE: BRUTALISMO E VIOLÊNCIA

A violência em *Tropa de Elite* (2007) se dá, como dito anteriormente, por vários fatores que transcendem apenas um enredo bem elaborado, mas passa pelo narrador e sua narrativa, pelo enquadramento minimamente calculado, pela trilha sonora, iluminação e principalmente por se tratar de uma obra que narra fatos do cotidiano de uma cidade brasileira muito conhecida justamente pelas suas belezas naturais, que em nada são desabonadas no filme, porém é manchada de sangue e dor. Acerca do brutalismo o autor Karl Erik Schollhammer (2009) afirma ao falar das obras de Rubem Fonseca, autor brasileiro de renome no estilo, que:

Inspirado no neorealismo americano de Truman Capote e no romance policial de Dashiell Hammett, o brutalismo caracterizava-se tematicamente pelas descrições e recriações da violência social entre bandidos, prostitutas, policiais corruptos e mendigos. Seu universo preferencial era o da realidade marginal, por onde perambulava o delinquente da grande cidade, mas também revelava a dimensão mais sombria e cínica da alta sociedade. Sem abrir mão do compromisso literário, Fonseca criou um estilo próprio – enxuto, direto, comunicativo -, voltado para o submundo carioca, apropriando-se não apenas de suas histórias e tragédias, mas também de uma linguagem coloquial que resultava inovadora pelo seu particular “realismo cruel”. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 27)

No cinema da retomada<sup>5</sup> a violência é um tema recorrente, a partir do momento em que a indústria cinematográfica retornou a todo vapor após um período que ficou conhecido como a “idade das trevas” para a arte nacional, os cineastas e produtores passaram a criar filmes que objetivavam também a comercialização e o lucro como uma fonte alternativa de renda à cultura e ao artista nacional. Melina Izar Marson, que estudou toda a trajetória do cinema da retomada nacional, afirma que:

Entre os filmes realizados de 1995 a 1998, encontramos temáticas comuns, algumas concordâncias e discordâncias que acabam por apresentar uma visão do

---

<sup>5</sup> “Com Rouanet à frente da Secretaria da Cultura, foram dados os primeiros passos do Cinema da Retomada, principalmente através das mobilizações do campo cinematográfico, da nova legislação aprovada e da perspectiva de retorno do investimento direto do Estado, através da liberação do dinheiro da Embrafilme. No final do governo de Collor, já se esboçava a política cinematográfica que seria melhor definida nos anos seguintes – e já se esboçava, também, a nova idéia de cinema que daí surgia: um cinema independente, autoral, mas com perspectivas comerciais. Segundo André Gatti “. (MARSON, 2006, p.50)

Brasil: uma visão da beleza do sertão, da violência urbana, que revisita a história nacional e que, em muitos casos, é a visão do estrangeiro. (MARSON, 2006, p.110)

No caso de *Tropa de Elite* (2007) as características da representação do real foram as responsáveis pela grande venda das bilheterias de sua época, bem como pelo sucesso no Brasil e no exterior. A representação da violência urbana no mais conhecido cartão postal nacional virou manchete de diversos jornais, e nesse sentido Schollhammer afirma que:

Narrar a violência ou expressá-la em palavras e imagens são maneiras de lidar com ela, de criar formas de proteção ou de digestão de suas consequências, dialogando com ela mesmo sem a pretensão de explicá-la ou de esgotar sua compreensão. Há algo na violência que não se deixa articular explicitamente, um cerne que escapa e que nos discursos oficiais da justiça, da criminologia, da sociologia, da psiquiatria e do jornalismo nunca é vislumbrado. Na literatura e nas artes o alvo principal é esse elemento enigmático e fugidio. (SCHØLLHAMMER, 2013, p. 7- 8)

A narrativa violenta de *Tropa de Elite* (2007) gerou em quem teve a oportunidade de ler a narrativa com os olhos críticos o desejo de que fosse possível acabar com a corrupção e mudar o quadro social, mas ao mesmo tempo a frustração de saber que o verdadeiro cerne de toda a problemática narrada no filme revela que

[...] a melhor compreensão da dinâmica cultural contemporânea e do papel de destaque da violência nesta mesma dinâmica nos faz ver, com muita clareza, o que poderíamos chamar de um “paradoxo contemporâneo”. Se, por um lado, as ações e discursos de vários sujeitos sociais zelam por manter ou construir o pluralismo e/ou multiculturalismo, por desenvolver novas formas de convivência democrática, e por afirmar a cidadania, valorizando quaisquer formas de comportamento, mesmo aqueles que sejam exercícios radicais da diferença, por outro, emergem comportamentos marcadamente violentos que muitas vezes buscam impor “diferenças” e contradizem aquele projeto político-cultural ao afirmarem modos de vida capazes, no limite, de ser negadores da alteridade, ou seja, impeditivos da existência mesma da convivência entre formas sociais plurais. (PEREIRA;RONDELLI;SCHOLLHAMMER; HERSCHMANN, 1999, p.13-14)

E nem a Elite da Tropa pode mudar isso. Acerca dessa temática, Bentes afirma:

Passamos da “estética” à “cosmética” da fome, da ideia na cabeça e da câmera na mão (um corpo-a-corpo com o real) ao steadcam, a câmera que surfa sobre a realidade, signo de um discurso que valoriza o “belo” e a “qualidade” da imagem, ou ainda, o domínio da técnica e da narrativa clássicas. Um cinema “internacional popular” ou “globalizado” cuja fórmula seria um tema local, histórico ou tradicional, e uma estética “internacional” (...) A violência surge ainda como o novo folclore urbano, história de crimes, massacres, horrores. Nesse novo brutalismo podemos constatar que nenhum desses filmes trabalha com a ideia de cumplicidade ou piedade. São filmes do confronto. (BENTES, 2007. p.191-224)

*Tropa de Elite* (2007) é um exemplo de um filme do confronto. Confrontou o tráfico de drogas face a face, confrontou a corrupta PM do Rio de Janeiro, confrontou a suja política partidária, e por fim confrontou a elite da sociedade carioca mostrando seus jovens que sobem o morro para comprar drogas e ainda jogando na cara da sociedade que são eles os grandes responsáveis por muito do que acontece quando o BOPE operacionaliza no morro. É claro que os jovens elitizados, estudantes universitários que fumam seus baseados, não são os únicos responsáveis pelas tragédias e pelo tráfico de drogas, porém o que há por trás deles são famílias que possuem coisas que o dinheiro pode comprar, mas não possuem aquilo que é preciso ter. Atenção e educação ficam a critério do meio social em que vivem, num lar elitizado, em filhos de banqueiros, políticos e grandes líderes nacionais, se encontra solidão e muitas vezes a vontade de fugir de sua realidade que para uns é um sonho de consumo.

O que é mais brutal em *Tropa de Elite* (2007) está longe de ser o sangue que desce do morro e adentra as casas dos brasileiros, o brutal em *Tropa de Elite* (2007) é a realidade. A vida real escancarada no mundo de ilusões criado pelos cartões postais cariocas.

#### **4 ELITE DA TROPA: A SOCIEDADE PAUTADA NO CAOS MANIQUEÍSTA**

A sociedade brasileira teve, em 2007, um choque que superou tentativas de produções anteriores ao escancarar o real. *Tropa de Elite* (2007) só fez o estrago que fez com o tiro na cara da sociedade por um motivo: sua arma era real, e sua bala feria a sociedade nas camadas mais profundas de sua existência. Machado (2004) faz uma interessante alusão à sensação humana de insegurança quando afirma que:

Nas últimas décadas, em virtude de uma dramática intensificação da experiência coletiva de insegurança pessoal, as populações urbanas vêm dando atenção especial aos problemas de manutenção da ordem pública nas cidades brasileiras, focalizando as dificuldades das agências de controle e repressão ao crime, mas envolvendo todo o processo institucionalizado de administração da justiça. (MACHADO, 2004, p. 63)

A criação das UPPS (Unidade de Polícia Pacificadora) nas favelas cariocas criada em 2008, é uma das tentativas de tentar trazer à população marginalizada e exluída socialmente, uma certa sensação de segurança e estabilidade. Porém as coisas não funcionaram como previsto. Em 2018, no jornal *El País*, o jornalista Felipe Betim descreveu a situação naquele ano da seguinte maneira:

Na madrugada do dia 24 de fevereiro, moradores da favela Santa Marta e do resto do bairro de Botafogo foram acordados com intensos tiroteios entre policiais e traficantes no morro. Esta comunidade da nobre Zona Sul do Rio de Janeiro foi a primeira a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) há quase 10 anos, em novembro de 2008. O programa, que — em tese — consiste em ocupar determinando território dominado por facções criminosas, estabelecer um policiamento comunitário, que seja próximo ao cidadão, e abrir caminho para serviços públicos do Estado teve no Santa Marta sua principal vitrine. Hoje, após a instalação de 38 UPPs, o modelo que representou nos últimos anos a esperança de um Rio mais seguro se mostra esgotado, após colecionar uma série de fracassos e escândalos nos últimos anos. Algo que também já se reflete no Santa Marta, que chegou a ficar mais de seis anos sem tiroteios. A velha rotina está de volta. Em meio a uma intervenção federal decreta pelo Governo de Michel Temer, que colocou um general no comando da segurança pública fluminense, qual será o destino das UPPs? Os confrontos nas favelas, incluindo o Santa Marta, se intensificarão? Não há respostas concretas. (BETIM, 2018 s/p)

O que é nítido na relação polícia *versus* tráfico de drogas, *versus* população da favela, é que nada vai mudar apenas com uma tentativa de pacificar as favelas, na qual a violência gera cada vez mais violência, e o pensamento da sociedade de que o morador da favela e o traficante são sujeitos em comum. Enquanto esse pensamento não mudar e o filho precisar se unir ao tráfico pra trazer comida para a casa da mãe e a irmã precisar se envolver com o traficante para se sentir protegida e proteger sua família e o pai precisar sair em meio ao tiroteio para trabalhar, a vida no caos maniqueísta criado pela própria sociedade e imposto por ela, não vai mudar para o morador da favela e muito menos para o “cidadão de bem” da área nobre que está cansado de ser assaltado na linha amarela, e cansado de terem seus celulares e pertences roubados na praia enquanto vivem seu momento de lazer. Enquanto o pensamento dessa classe média e elite não mudar em relação aos seres humanos habitantes de um local extremamente violento e marginalizado onde o traficante é amigo e polícia só entra pra matar, e as oportunidades continuarem restritas aos privilegiados, não adianta UPP, nem projeto algum que seja o de incluir uma polícia com pensamento elitizado para defender interesses próprios. Não adianta, e como afirma Machado:

Mesmo sabendo-se que a grande maioria não integra as quadrilhas, os jovens favelados têm sido percebidos e tratados como em permanente risco de a elas aderir, posto que as atividades ligadas ao tráfico de drogas seriam muito atrativas entre os estratos inferiores – combinando, assim, economicismo e preconceito. O que parece novo é que agora não se trata de basear este entendimento, como antes, na desorganização social e no atraso cultural dessas localidades, mas de associá-las diretamente ao crime violento. [...] Os moradores de favelas são tomados como cúmplices dos bandos de traficantes, porque a convivência com eles no mesmo território produziria aproximações de diversas ordens – relações de vizinhança, parentesco, econômicas, relativas à política local, etc. – e, assim, um tecido social homogêneo que sustentaria uma subcultura desviante e perigosa. Esta, por sua vez, fundamentaria a aceitação e a banalização do recurso à força, o que terminaria por legitimar e generalizar a chamada ‘lei do tráfico’. (MACHADO; LEITE, 2007, p. 549-550)

Nesse sentido, falar sobre *Tropa de Elite* (2007), é necessário atemporalmente, seja nas salas de aulas das universidades, seja nos programas televisivos que alcançam a massa populacional, seja em casa, com os filhos. Deve-se mostrar que existe uma realidade paralela ao mundo fechado que a redoma de vidro dos lares brasileiros, que vivem distantes da realidade na qual a violência impera grandiosa, demonstra. Quanto a isso, em *Elite da tropa* (2006), os autores afirmam:

Se você está esperando um depoimento bem educadinho pode esquecer. Melhor fechar o livro agora mesmo. Desculpe, mas me irrita com as pessoas que querem ao mesmo tempo a verdade e um discurso de cavalheiro. A verdade tem de ser

convocada a comparecer, e ela só baixa no cavalo desbocado, que se recusa a filtrar a voz que vem do coração. (SOARES; PIMENTEL; BATISTA, 2006 p. 21)

E mais adiante:

Não vamos ser cínicos e fingir que vivemos no paraíso da democracia racial. E não estou falando só porque sou negro e vítima de preconceito não. Milhões de vezes me pego discriminado também. Na hora de mandar descer do ônibus, você acha que escolho o mauricinho louro de olhos azuis, vestidinho para a aula de inglês, ou o negrinho de bermuda e sandália? (...) É isso mesmo, a seleção policial segue o padrão do medo, instalado na ideologia dominante, que se difunde na mídia. (SOARES; PIMENTEL; BATISTA, 2006 p. 133-134)

É dessa forma que o discurso do ódio e do preconceito ao morador da favela, ao negro, ao marginalizado, se perpetua, pois a estrutura da sociedade é formada por alicerces muito bem fundamentados no parecer de que o bom é o branco, bem vestido, e elitizado enquanto o ruim é o preto, sujo, descalço e marginalizado. Enquanto esse pensamento for a base que a sociedade usa para definir o que é bom do que é mal, os erros continuarão a acontecer, e a insegurança vai continuar sendo o fundamento da guerra entre o poder aquisitivo e o sujeito sem esse poder.

Em entrevista ao programa *Roda Viva* a qual aqui será transcrita José Padilha afirma acerca do Capitão Nascimento que:

Apresentamos o Cap. Nascimento como uma pessoa que acredita no controle da violência através do uso da violência. E o resultado disso é que ele é uma pessoa que não consegue se sustentar dentro da sociedade, ele tem síndrome de pânico, não é capaz de manter sua família.<sup>6</sup>

A sociedade brasileira, pautada no caos maniqueísta, é a grande responsável pela violência da qual tanto teme. Todo caos produzido pelas relações sociais desiguais, são apenas consequências das grandes e poderosas instituições sociais criadas pelo bom e intocável cidadão de bem, a família tradicional brasileira, a religião, o estado como poder majoritário e dono das grandes tomadas de decisões, sempre a seu favor. Conforme Soares:

Mesmo que distante das mobilizações espontâneas, o nosso modo de levar a vida pode ser provocador de mudanças e transformações. A oferta de debates, análises, produções cinematográficas, literárias, estudos e pesquisas são formas de mostrar que não estamos satisfeitos com o mundo em que vivemos. A constatação da realidade e proposição de mudanças, porém, não são, e não devem ser, sinônimos de derrotismo. (SOARES, 2014, p.55)

---

<sup>6</sup> José Padilha. Entrevista. Programa Roda Viva. TV. Cultura. 8/10/2007. Disponível em [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/327/entrevistados/jose\\_padilha\\_2007.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/327/entrevistados/jose_padilha_2007.htm)

E é por conta disso que devemos continuar com pesquisas acadêmicas que discutam como se formam esses problemas sociais relatados neste trabalho. *Tropa de Elite* é uma obra cinematográfica que ainda poderá ser explorada com a finalidade de abranger outros pontos de vista. Ainda é preciso lembrar que a continuação do filme, a sequência *Tropa de Elite 2: O inimigo agora é outro* (2010) abre ainda a oportunidade para um estudo mais profundo acerca do que é a raiz do problema social abordado neste trabalho. Nesse sentido ainda há muito o que ser dito sobre esta obra que estremeceu as nossas estruturas mentais e sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Imagem 10:** *Contra plongée* em Mathias: O tiro é na face da sociedade

A cena final da narrativa fílmica *Tropa de Elite* (2007) prova de que no Brasil as discussões acerca de vítimas e algozes, honestos e bandidos não fáceis de mensurar. Num sistema social em que as instituições estão apodrecidas e inoperantes perante o caos instaurado, não é à toa que tal cena produz-se um efeito em que o tiro de 12 disparado por Mathias transcende o rosto do traficante Baiano e explode violentamente na face do espectador, ou seja, na face da sociedade. Quem é o verdadeiro responsável por toda a situação caótica mostrada na narrativa. Muito mais que individualidades isoladas, a problemática enfocada na narrativa é coletiva e social.

O que fica sobre o filme *Tropa de Elite* é um outro questionamento que se refere à imagem contida no anexo 2 deste trabalho. Para quem a população vai recorrer diante do caos

estabelecido na sociedade atual do Rio de Janeiro dado ao fato de que as UPPS como dito anteriormente não resolveram o problema da violência constante nas favelas cariocas? Ao BOPE? Ou ao Cristo? Ironias a parte, o treinamento do BOPE tem se tornado cada vez mais ostensivo. Nada diferente do que *Tropa de Elite* já havia relevado.

Assim é possível então afirmar que a versão cinematográfica do livro *Elite da Tropa* foi indigesta para vários segmentos institucionais e coletivos, pois expôs o as mazelas sociais mantidas pela corrupção, que por sua vez sustenta a desigualdade social nacional. Mostrou ao mundo um lado sombrio, com verdades ocultadas e maquiadas por um belíssimo cartão postal que só faz sentido para uma parte da massa conservadora, um grande Cristo de braços abertos como se estivesse pronto a proteger aquele belo estado de toda podridão ali escondida. O que *Tropa de Elite* (2007) mostra é que infelizmente, o Rio de Janeiro só continua lindo no cartão postal, e o grande Cristo Redentor pouco pode fazer para mudar essa dura realidade.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Literatura, crítica e violência. In\_ *A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70*. São Paulo, Boitempo Editorial, 1997.

BENTES, Ivana, Sertões e Favelas no Cinema Brasileiro Contemporâneo. In: Ivana Bentes (org.). *Ecos do Cinema - de Lumière ao digital*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007, v., p. 191-224.

\_\_\_\_\_. *Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome*. In\_ ALCEU - v.8 - n.15 - p. 242 a 255 - jul./dez. 2007.

BETIM, Felipe. *UPPs, mais uma história de esperança e fracasso na segurança pública do Rio*. El País, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227\\_645322.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227_645322.html) Acessado em 05/01/2021 12:53 h.

BOSI, Alfredo (org). *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1974.

CANO, Ignácio. *No Sapatinho: A evolução das milícias no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Fundação Henrich Böll, 2012.

FELLINI, Federico. *Fazer um filme*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.

GOMES, Renato. Cordeiro. Por um realismo brutal e cruel. In: Izabel Margato; Renato cordeiro Gomes. (Org.). *Novos Realismos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, v. 1, p. 71-89.

HELLER, Eva. *A Psicologia Das Cores*. 1ª edição. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

MACHADO, Luiz da Silva & LEITE, Marcia Pereira. *Violência, Crime e Polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas?* Brasília: Revista Sociedade e Estado v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007.

MACHADO, Luiz da Silva. *Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil Urbano*. Brasília: Revista Sociedade e Estado v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

MONASSA, Tatiana. *A arte do choque e do engajamento: sobre Tropa de Elite e sua excelência cinematográfica*. In \_\_\_\_\_  
<http://www.contracampo.com.br/90/artchoqueengajamento.htm>. Acesso em 05/02.2020.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger [et al.]. *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PIMENTEL, Rodrigo. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

RESENDE, Beatriz (organizadora). *A literatura latino-americana do século XXI*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In \_\_\_\_\_ *Linguagens da Violência*. Org. Carlos Alberto Messenger [et al.]. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOARES, Lucas Altino. *Reinterpretações de Tropa de Elite: Multiplicidade e mediações discursivas*. Rio de Janeiro, 2014. UFRJ/ECCFCJ. Monografia em Comunicação Social e Jornalismo.

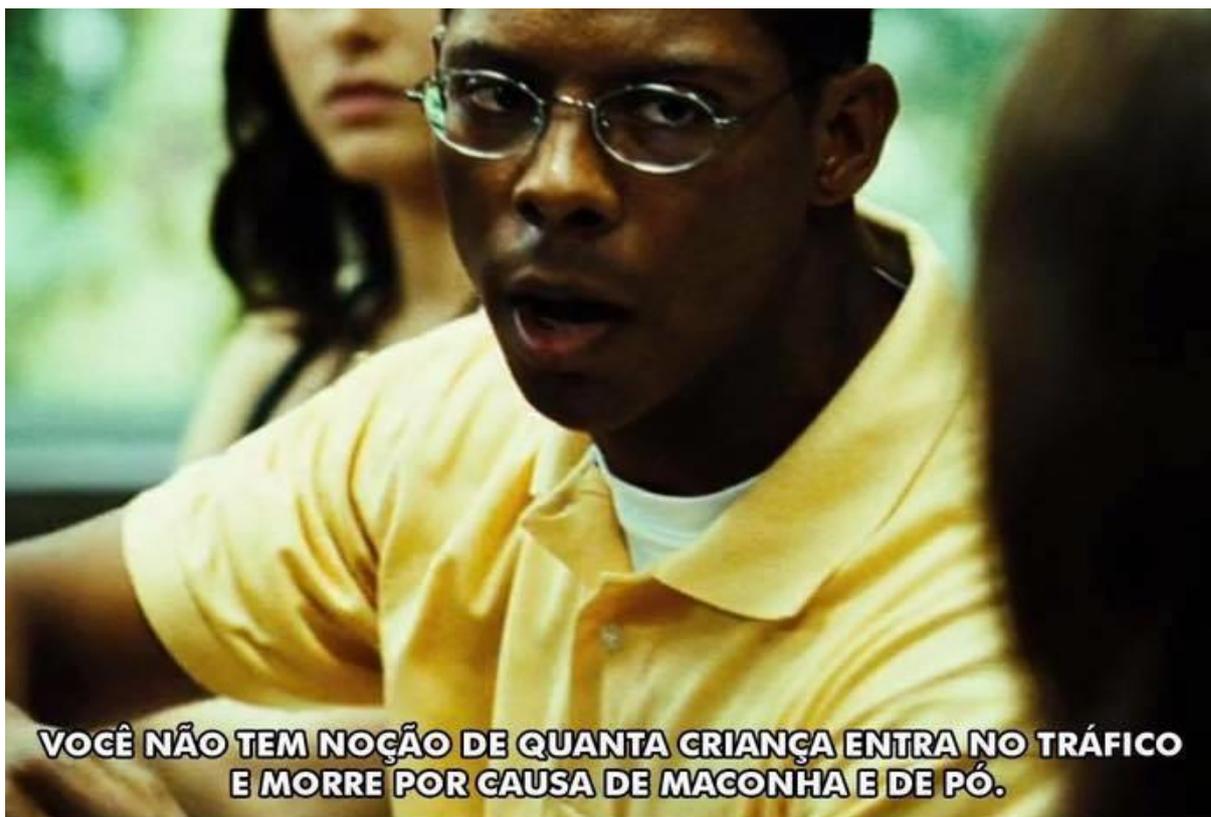
## Filme:

*Tropa de Elite*, Brasil, 2007, 118 min.

<b>Direção</b>	José Padilha
<b>Produção</b>	José Padilha Marcos Prado
<b>Roteiro</b>	Bráulio Mantovani José Padilha

**Baseado  
em** Rodrigo Pimentel  
*Elite da Tropa*  
por André  
Batista e Rodrigo Pimentel

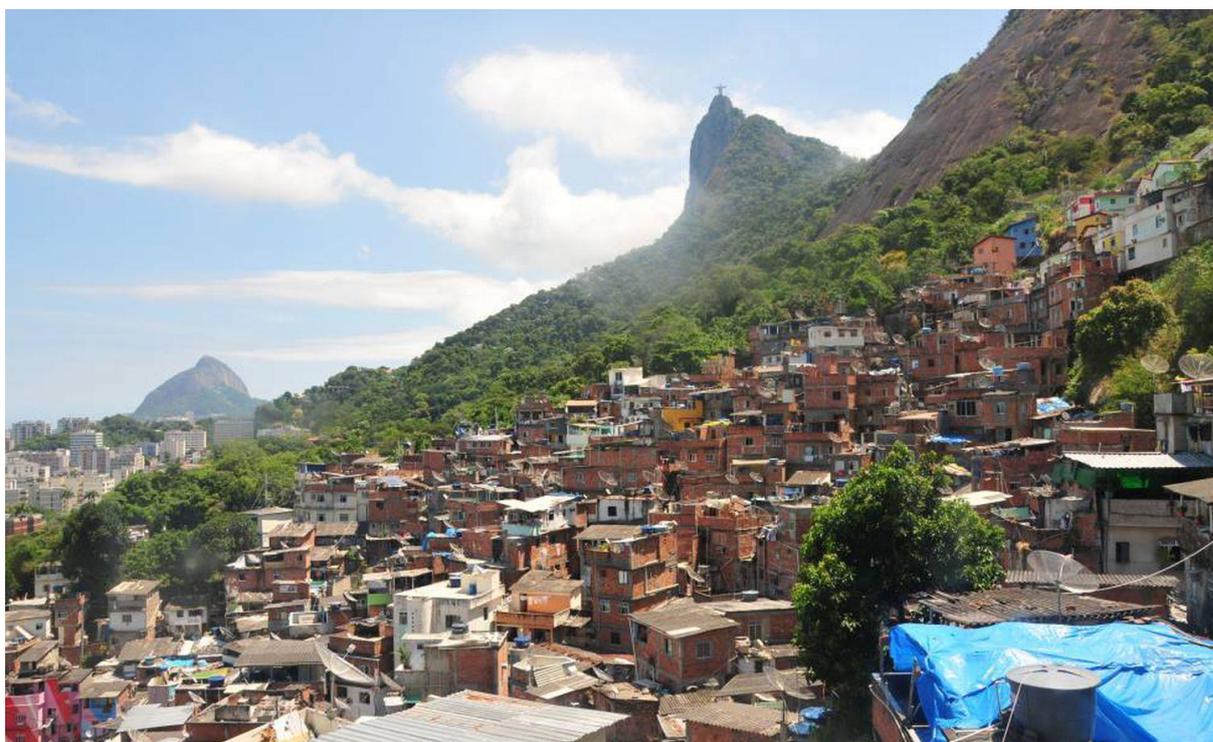
## ANEXO 1



Fonte da imagem: Cinerama Clube Acessado em 05/01/2021 17:43h



**O BOPE e o Cristo: (Fonte da imagem: O Globo)**

**ANEXO 3**

**Vista da favela Santa Marta, onde foi instalada a primeira UPP, no Rio.  
ANDRÉ GOMES DE MELO / GERJ (FOTOS PÚBLICAS)**